

**SERÃO AS AFRICANAS CAPAZES... DE AMAR? AS MULHERES DE ÁFRICA NA INTERSECÇÃO DE IDENTIDADES SEXUAIS, (PÓS)COLONIAIS E FEMINISTAS**

Catarina Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** *African Love Stories. An anthology* reúne *short stories* sobre o tema do amor, escritas por mulheres de diferentes países de África. A organizadora, Ama Ata Aidoo, escritora e feminista ganense, sublinha que a antologia pretende contrariar a ideia colonial de que “African love” seria “uma anomalia” e “the myth about African women as impoverished helpless victims.” Igualmente, Léonora Miano, escritora e feminista camaronesa, dirige duas antologias de “nouvelles”: *Première nuit. Une Anthologie du Désir*, com textos de jovens homens negros, e *Volcaniques. Une Anthologie du Plaisir*, com textos de jovens mulheres negras de África e das Antilhas. As três coleções de contos inserem-se numa das mais persistentes reivindicações das feministas africanas: a da descolonização de África, das mulheres africanas e dos feminismos. É curiosa a via escolhida: a construção de uma africanidade e de feminilidades e masculinidades negras e africanas, através da apropriação do “amor” (ou sexualidade) como o ato de empoderamento de africanos e africanas objetificados/as pelo discurso colonial, que se afirmam enquanto sujeitos plenos por serem capazes de “amar” e narrar esse “amor negro e africano”. Esta comunicação pretende analisar as articulações discursivas complexas que se revelam nestas antologias entre imposições coloniais e resistências anticoloniais, no que diz respeito às identidades culturais e sexuais, aos conceitos e agendas feministas e ao lugar dos géneros literários nestes processos.

**Palavras-chave:** África; Literatura de mulheres; Feminismos africanos

*African Love Stories: an Anthology* (2006), *Première Nuit. Une Anthologie du Désir* (2014), e *Volcaniques, Une Anthologie du Plaisir* (2015) são três estranhos casos em que o “Amor”, o “Desejo” e o “Prazer” surgem como conceitos aglutinadores de três antologias de literatura empenhada, literatura “*engagée*”, ou seja, literatura que visa uma transformação política num duplo sentido que podemos classificar de “descolonial” e “feminista”. A forma como uma temática da esfera do privado, situada geralmente nos antípodas do político, constitui o foco de duas empresas antológicas como instrumento para a inversão de relações de poder de ordem colonial, racial e patriarcal, constitui, de facto, a questão mais intrigante e mais complexa que atravessa as referidas coletâneas de *short stories* e de *nouvelles*. A primeira antologia – *African Love Stories* –, da responsabilidade da escritora (romancista, dramaturga), ensaísta e feminista Ama Ata Aidoo, do Gana, uma das pioneiras das letras africanas escritas por mulheres, reúne narrativas escritas por mulheres de diferentes gerações e de diferentes regiões de África e da diáspora, sobretudo

---

<sup>1</sup> Faculdade de Letras, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal

anglófonas.<sup>2</sup> As segundas antologias, da responsabilidade de Léonora Miano, escritora camaronesa, francófona, da geração mais jovem das literaturas africanas, são apresentadas como expressão de homens escritores e de mulheres escritoras de língua francesa de África, das Caraíbas e de afro-descendentes na diáspora, nascidos a partir da década de 1970. Trata-se, em todos os casos, de antologias publicadas no Norte (Grã-Bretanha e Quebeque/Canadá, respetivamente), cujo público leitor visado é o ocidental.

A presente reflexão debruça-se não tanto sobre os contos incluídos nas antologias, cuja diversidade implicaria um estudo individualizado, mas sobretudo sobre os pressupostos, objetivos e efeitos de trabalhos antológicos como estes, os quais suscitam questões de diversa ordem. A antologia tem como fundamento a ideia de representatividade, ou seja, os textos aglutinados em torno de um conceito ou de uma identidade comuns constituem intencionalmente a materialização palpável e demonstrável desse conceito e dessa identidade, através de um *corpus* textual resultante de processos de seleção, de inclusão e de exclusão, de homogeneização discursiva sobre conteúdos e formas mais ou menos diversos (ou até extremamente múltiplos, como é o caso). Acresce, nas antologias em apreço, a já mencionada intencionalidade política. Nesta medida, o seu propósito reveste-se, à partida, de uma inevitável dimensão de ambiguidade: por um lado, dar a conhecer aspetos invisibilizados das literaturas e das culturas africanas e da própria África, em particular da sua diversidade, o que corresponde a uma tentativa de alargamento do cânone das letras mundiais e da ideia de “amor” a expressões e a protagonistas que não os ocidentais – a dimensão “descolonizadora”. Por outro lado, a ideia de existirem narrativas *africanas* de um amor e desejo *africanos* acaba por manter a alteridade que marca estas literaturas e culturas em relação ao Ocidente, o que, inevitavelmente, corresponde à criação de uma identidade africana comum e de uma ideia identificável de África, bem como de representações da “mulher africana” e do “homem africano”. Se estas podem ser “descolonizadoras”, por um lado, é preciso interrogar, por outro, o seu potencial de “colonialismo interno”, no sentido da criação essencialista – eventualmente na vertente spivakiana de “essencialismo estratégico” – de uma unidade e homogeneidade artificiais sobre identidades complexas e necessariamente contraditórias e plurais.

O título que propus para este trabalho constitui uma apropriação do título emblemático do artigo de Gayatri Spivak relativo à possibilidade de a subalterna falar. Na verdade, o verbo “Can”

---

<sup>2</sup> A reivindicação, por parte da organizadora, de que as autoras teriam, “origins that span the length and breadth of Africa” é manifestamente exagerada, uma vez que, para além da ausência total das lusófonas, apenas encontramos uma escritora francófona – Véronique Tadjo, da Costa do Marfim – e uma escritora de língua árabe Nawal El Saadawi, do Egipto).

de “Can the subaltern speak?” (1988), na língua inglesa, remete para a ideia de “ser capaz de”, que retomo na minha proposta, associando a interrogação desta capacidade ao amor, no que diz respeito às mulheres africanas e, já agora, também aos homens africanos. O amor, que assumirei, à semelhança do que acontece nestas antologias, numa acepção muito lata e vaga, que inclui a dimensão da sexualidade, bem como a dimensão emocional e espiritual, parece de facto uma daquelas capacidades que, na perspetiva ainda colonial do Ocidente, não é própria, em primeiro lugar, dos e das africanas, e, em segundo lugar, das literaturas africanas.

De facto, muito embora o amor possa aparecer como o oposto da racionalidade moderna ocidental, um domínio das mulheres, cuja leitura e escrita típicas foram, durante muito tempo, apenas a lírica ou o romance sentimental e cor-de-rosa, ou seja, um domínio secundário, a fronteira colonial faz com que os colonizados sejam excluídos até deste domínio menor, confirmando aquilo que Maria Lugones (2010) constata para o mundo colonizado sobre o que designa de “sistema colonial moderno de género”: na realidade, segundo a filósofa argentina, à condição de sub-humanidade dos colonizados e das colonizadas corresponde apenas o estatuto de machos vs fêmeas, o qual, apenas depois da imposição, por uma lógica de imitação, da ordem social sexuadas prevalecente no Ocidente, por via do colonialismo, veio a transformar-se num estatuto de machos-como-homens vs fêmeas-como-mulheres. A ausência da ideia de amor situa-se exatamente nesta negação de humanidade para seres que foram reduzidos ao mero estatuto de corpo, ou seja, incapazes de manifestações emocionais e sensíveis complexas para além do instinto animal. Já a sexualidade que, de facto, é elemento omnipresente na representação do colonizado no discurso colonial, não excede uma expressão animal, de selvajaria e de violência, que também dificilmente se acomodam na sexualidade aceitável do mundo ocidental, enquadrada pelos termos depurados do “desejo” e do “prazer”. Estas são, de facto, capacidades “evoluídas”, de sujeitos completos e inteiros, distintas do primitivismo ou do primarismo instintivo ligado à estrita corporeidade dos colonizados enquanto objetos. “Desejo” e “prazer” pressupõem a ideia de vontade e uma certa ordem civilizacional na formulação, expressão e exercício desta vontade, muito distante da sexualização bestial que é atribuída ao africano, e completamente alheia à sexualização como puro objeto de apropriação atribuída à mulher africana. Em rigor, os corpos masculinos e femininos africanos são sexualizados e fixados até numa hipersexualização correspondente a uma condição de selvajaria, mas não possuem sexualidade, pois as noções de desejo e de prazer são apanágio já de uma condição mental e civilizacional superior e do privilégio de poder enunciá-los na primeira pessoa.

Esta exclusão dos africanos e das africanas das esferas do amor e da sexualidade são manifestas, ainda, em outro tipo de discursos cuja colonialidade aparece difusamente por se tratar de discursos emancipadores e progressistas no contexto ocidental, cuja bondade para com o chamado “Terceiro Mundo” parece inquestionável. Assim, como denuncia Chandra Mohanty (1988) para as asiáticas e Amina Mama (1995) para as africanas, as mulheres de África aparecem nos discursos ocidentais, mesmo os feministas, como as eternas vítimas da sua tradição, da pobreza, da ignorância, da violência, da exploração. São corpos sem voz e sem desejo. O seu feminismo, na perspectiva do Norte, não contempla o direito ao corpo e à sexualidade, reduzindo-se a um “feminismo de sobrevivência” (Martins, 2016) que reclama proteção da opressão masculina, da guerra, da fome, da seca, de culturas retrógradas. Ou seja, também aqui, as africanas não logram alcançar uma representação que transcenda um estereótipo objetificante e, para este, o amor romântico e a sexualidade aparecem como um contra-senso absolutamente distante das experiências de vida e das ambições destas mulheres.

Já no que diz respeito às literaturas africanas, desde a fixação das chamadas “literaturas do terceiro mundo”, por parte de Fredric Jameson, à condição de “alegorias nacionalistas”, no âmbito de uma necessária demarcação anticolonial das literaturas dos colonizadores, que veio a determinar a formação dos cânones, a periodização, e a hermenêutica textual destas literaturas, são os temas “políticos” e “públicos”, os temas ditos “sérios” os únicos que nelas parecem ter lugar, ou os únicos que merecem reconhecimento como relevantes e que adquirem a etiqueta de “africanos”. É “africano” tematizar a luta anticolonial, os projetos nacionalistas, os problemas sociais e políticos da pós-colonialidade, mas nunca a esfera íntima. Esta aparece, quando muito, num plano secundário de “literatura de autoria feminina”, associada ao domínio do subjetivo, do amoroso, do erótico, uma literatura que raramente belisca sólidos *corpus* canónicos que dão substância a uma não menos sólida e rígida definição do que é África, cultura africana, e homem / mulher africanos. De facto, até ao presente, tem tido pouca repercussão a contestação, por parte da crítica literária feminista, de uma construção da noção de literaturas africanas associada à escrita masculina de temas de ordem política e pública, construção que exclui, por exemplo, as múltiplas dimensões da escrita de mulheres, as quais reivindicam, justamente, a inscrição do privado e do íntimo numa noção mais ampla de História, de nação, e numa ordem social despatriarcalizada (Martins, 2011). Também aqui se faz ouvir a reivindicação feminista de que o “privado é público” e a denúncia de mecanismos ideológicos patriarcais de exclusão e ordens androcêntricas que conformam epistemologicamente os estudos dedicados às literaturas africanas.

Neste quadro, as três antologias pretendem agir de forma empenhada, afirmando a humanidade das e dos africanos a partir de uma reivindicação da capacidade de amar, de desejar e do direito ao prazer. O que move estas antologadoras é construir novos corpos para as africanas e africanos - corpos completos, integrais, dotados da mais complexa das capacidades emotivas e mentais, o amor, e corpos que se relacionam entre si por razões que transcendem a animalidade instintiva em formulações complexas do desejo e do prazer. Ao mesmo tempo, pretende-se dar um novo *corpus* à literatura “amorosa”, no seu conjunto, bem como às literaturas africanas, a partir do reconhecimento de novas identidades escritas e escreventes.

Este combate inclui diversos passos, começando pelo reclamar de uma nova representação de África, ou da sua descolonização, no que diz respeito ao amor. No prefácio a *African Love Stories*, Aidoo defende que o amor foi mais uma das vítimas do colonialismo e das suas lógicas de representação da África:

Obviously, as in the judgement on all matters relating to Africa since the last five hundred years when the continent came into collision with Europe, and her world view got almost submerged under that of the West, this idea is predicated on some fairly controversial attitudes about Africa and African dynamics. One being that what we do not know about Africa does not exist. This notion covers all intellectual and cultural manifestations, as well as natural phenomena: including whole mountains and rivers. Nor does it stop there. There is a parallel belief to the effect that whatever exists in Africa does not count, if it does not conform to some known and accepted Euro/Western pattern, form or principle, and that such a thing should not be worth anyone's consideration. (AIDOO, 2006, viii-ix)

Ou seja, não somente se procede a um apagamento da História de África no que diz respeito ao amor, mas o próprio conceito de amor é construído pelo Ocidente como inexistente do outro lado da linha abissal (Santos, 2007) que o separa do mundo colonizado. Por isso, Aidoo chama a atenção para a ausência das mulheres negras das histórias de amor romântico de modelo ocidental que moldavam as adolescências e o amadurecimento das mulheres, quer nas metrópoles quer na colônia. De facto, neste âmbito, não havia figuras femininas com as quais as mulheres africanas pudessem identificar-se, nem enquanto mulheres, nem enquanto africanas. Por outro lado, na opinião da organizadora da antologia, o corte entre a literatura africana contemporânea e as suas raízes orais e escritas pode explicar a ausência deste tema nas obras da atualidade, sendo importante, para Aidoo, dar visibilidade ao amor e à expressão narrativa do amor como partes intrínsecas da cultura africana e, por isso, tão antigas quanto esta. Também naquele continente, afirma a escritora, o amor foi e é força movente do social, do político e da própria História (Aidoo, 2006, xi). É neste âmbito que refuta a crítica literária que persiste em subsumir a literatura africana à escrita do social e do

político, como verifiquei acima. Para Aidoo não é sustentável a construção crítica que, com o seu olhar enviesado, converte a própria escrita amorosa em metáforas ou alegorias do político:

“The only problem (...) is that in the modern African novel as a love story, the love story is *never* revealed as such. Because it is completely subsumed under ‘the more important social and political issues’ which the modern African writer (thinks she/he) has to deal with: incompetent leadership and their betrayal of their peoples, the antics of ‘the lumpen proletariat’ (...), complete economic collapse, racial tensions, outmoded traditional thought and practices...” The list is too endless. (AIDOO, 2006, xi)

Também no Prefácio a *Première Nuit*, intitulado *Subversive Sensualité*, Léonora Miano constata que os escritores subsaarianos, caribenhos e “afropeus”<sup>3</sup> mais reconhecidos fazem questão de evitar os temas relativos à intimidade (Miano, 2014, 6). Para Miano, a relação amputada e perturbada com o próprio corpo, decorrente do lugar do corpo negro no discurso racista e na prática colonial, impede estes autores e estas autoras de assumirem uma posição de sujeito no “dizer de si”. Este não é nunca um dizer completo, nunca a enunciação do desejo e não resulta, para Miano, da incapacidade de escrever sobre o corpo, que sempre foi tema das literaturas africanas, mas da incapacidade de escrever sobre um corpo que não seja explorado, torturado e violentado:

Cette absence indique à n’en pas en douter un rapport complexe a soi, une difficulté à se mettre entièrement au centre de sa propre parole. La pudeur ne paraît pas une réponse valable, dans la mesure où ces mêmes auteurs sont tout à fait capables de dépendre les plus atroces souffrances du corps. La chair meurtrie ne leur est pas le mois du monde étrangère et, lorsque la sexualité trouve sa place dans ce domaine, elle est brutale, avilissante. Que de viols, que de figures de prostituées, que d’appetits boulimiques où l’on dévore l’autre, où l’on cherche plus à disparaître en lui qu’à le connaître... (MIANO, 2014, 6)<sup>4</sup>

A organizadora da antologia remete a explicação deste estado de coisas para as consequências profundas do racismo colonial exercido sobre o colonizado e interiorizado por este, muito na linha da teorização de Frantz Fanon sobre a condição negra e a sexualidade e o desejo, em *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Escrever sobre o corpo, desta feita um corpo completo e dotado da capacidade de desejar e de sentir prazer, é um ato de reapropriação do corpo expropriado do/a colonizado/a:

La racialisation, ce processus à travers lequel l’individu perd le statut de sujet pour devenir un objet racial(isé), a consisté, pour ceux que l’Histoire a définis comme Noirs, à les considérer avant tout comme des corps. C’est en dénigrant ces corps, en les brutalisant, en les réifiant, qu’il fut possible de porter atteinte à la conscience de soi. Être en mesure de les

<sup>3</sup> “Afropéens” é uma designação que diz respeito aos afro-descendentes na diáspora europeia.

<sup>4</sup> Ao enumerar, no passo citado, os *topoi* frequentes relacionados com a sexualidade que se encontram nas literaturas africanas, dos quais se destacam a violação e a prostituição, Miano aponta para elementos que a crítica literária interpreta recorrentemente como alegorias do corpo nacional, na senda da teoria de Jameson e que continua a ser prolongada na leitura redutoramente política das letras de África, extirpando-a da dimensão do “privado” e da expressão da intimidade (Martins, 2011).

montrer dans des postures de désir, voire de jouissance (...) aboutit à reprendre possession de ce qui fut dérobé. (MIANO, 2014, 6-7)

Por fim, a escritora camaronesa opõe-se à recusa da possibilidade da expressão do desejo por parte de autores originários de “povos mártires”, recorrendo, a título de exemplo, ao palestino Mahmoud Darwish. Para Miano, a escrita que nega “une vision tronquée de soi” (Miano, 2014, 9) é justamente uma escrita do mais elevado valor político: “Il y a pourtant là une affirmation politique et spirituelle dont la force supplante celle d’une armée de poings levés” (Miano, 2014, 9). Este valor reside, justamente, na reivindicação da integralidade do sujeito, bem como da universalidade do assunto: “Un chemin vers l’intégralité de soi, vers l’universalité du propos. En effet, les sentiments, les vibrations de la chair, sont ce qu’il y a de plus universel.” (Miano, 2014: 10)

Ambas as antologias têm, pois, expressamente um objetivo “descolonizador” ou pós-colonial, no sentido de resgatar invisibilidades e apagamentos coloniais e de inscrever a África numa História e cultura universal e humana do amor, reivindicando estatuto pleno de sujeitos para os seus protagonistas, as/os quais são, ainda, vítimas de uma colonialidade persistente nas relações de poder que condicionam não somente os processos de escrita, mas também o reconhecimento, a interpretação e a classificação desta mesma escrita. Trata-se de um processo de desconstrução de construções essencialistas relativas a África, às culturas africanas, à identidade dos colonizados negros e africanos, e às identidades destes na sua dimensão de género: os homens africanos e as mulheres africanas.

Contudo, a empresa antológica que assim procede usa processos de construção que não deixam de incluir operações que também possuem um cariz essencializante. De facto, ao mesmo tempo que se pretende desfazer a alteridade que coloca o continente africano e as suas gentes como o Outro do sujeito capaz de amar, afirmando a sua fundamental humanidade e a universalidade daquele sentimento, a África ressurgue como um Outro irredutível, não somente porque, afinal, há “histórias de amor” especificamente africanas (que justificam antologias com esse título), mas porque África é diferente enquanto “reino da diferença” ou da heterogeneidade. Assim, Aidoo, para justificar a representatividade da sua escolha de autoras, que considera abarcarem toda a África, aponta para “estranhos laços” que unem a diversidade das suas histórias, laços tão impossíveis de precisar, mas, ainda assim, tão indissolúveis quanto aqueles que ligam o continente em que têm origem na sua imensa multiplicidade geográfica, étnica e cultural. Esta noção de origem comum tão indefinível quanto palpável constitui, para a construção de uma identidade pan-africana ou de Africanidade, um mecanismo semelhante à evocação nacionalista de uma espécie de *Volksgeist* que

conhecemos dos discursos oitocentistas europeus na formação das ideias de nação. Dos discursos nacionalistas faz ainda parte uma ideia de algo distintivo que coloca a nação respetiva acima das restantes identidades nacionais. Estes discursos funcionam com o paradoxo que reside num mecanismo discursivo e simbólico de coesão e de unidade para um “povo”, que dificilmente passa no teste da realidade, pois esta aponta invariavelmente para a respetiva heterogeneidade interna. No caso desta antologia, o paradoxo é potenciado pela ideia de que o traço distintivo da Africanidade é ser, em si mesma, a materialização da heterogeneidade, ou seja, do Todo. Nas palavras de Aidoo, não faz sentido procurar diferenças étnicas ou geográficas nas histórias de amor recolhidas, pois elas materializam um “bewilderment” que faz da Africanidade a própria marca do universal. Esta reivindicação de universalidade assente num elemento distintivo que é o elemento definidor da categoria do humano (a diversidade) não deixa de recordar os mecanismos discursivos de auto-legitimação típicos do discurso imperialista:

Examined closely, we would find that the dissimilarities are neither geographic nor ethnic, even when certain authors actually thought that their characters were exhibiting specific ethnic and cultural tendencies. This is not only because emotional naivety or pain and bewilderment are universal, but because the collection exposes a general African landscape that is uniformly bewildering in every vital aspect: social, political and economic. (Aidoo, 2014, xiii)

Outro dos objetivos expressos de *African Love Stories* é um objetivo feminista: ou seja, trata-se de uma antologia que quer dar relevância à escrita de mulheres africanas e, com ele, contrariar os pressupostos androcêntricos acima descritos que sustentam a construção da Africanidade e das identidades nacionais africanas, pressupostos que se refletem nos critérios de inclusão / exclusão no cânone e de interpretação textual por parte dos estudos literários. Aidoo quer, ainda, que a sua antologia seja parte de um feminismo africano, que combata a rigidez estereotipada da representação ocidental da “Mulher Africana”. Como a organizadora explica na contra-capá do volume de contos: “This radical collection of short stories (...) aims to debunk the myth about African women as impoverished helpless victims.” (Aidoo, 2006). É inegável o valor desta antologia no quadro de qualquer um destes objetivos. No entanto, não deixa de produzir efeitos de sentido contrário: de facto, uma coleção intitulada *African Love Stories* que inclui apenas contos de mulheres acaba por criar uma ideia de amor e de Mulher indissociáveis, ou seja, equivale a dizer que o amor se conjuga apenas no feminino e que à identidade de Mulher é indispensável o sentimento amoroso – uma ideia que dificilmente se pode considerar feminista. O propósito de inclusão num amor humano e universal acaba, pois, por ser efetivado através da exclusão dos

homens e da essencialização do feminino. Quanto à intenção de contrariar a representação colonial da mulher africana, atente-se nesta descrição de Aidoo relativa às mulheres presentes nos contos:

Perhaps we should put ‘modern’ or even ‘contemporary’ somewhere in the title of this collection because, at their core, these stories are about the African woman today: struggling as her mother has done before her, coping as she must, but invariably won out of educational opportunities fully utilized, and career viability, with resulting economic security; all of which were denied her forebears. (Aidoo, 2006, xiii-xiv)

Se é verdade que, no conjunto das histórias, não temos perante nós a mulher africana, rural e pobre, mas uma ampla diversidade de mulheres de diferentes contextos geográficos, culturais, sociais, religiosos, urbanos e rurais, etários, uma diversidade que, de facto, é extremamente importante para desfazer estereótipos, o que se descreve nas linhas acima citadas é, porém, a construção de mais uma representação homogeneizante e essencializante. Em vez da mulher rural e ignorante, tradicional, Aidoo apresenta “the African woman today”, ou seja, substitui um “mito” por outro: a mulher africana moderna, urbana, formada e autónoma, reproduzindo o modelo de emancipação da Mulher ocidental, mas ainda assim, dita tipicamente africana, uma representação homogênea em profunda contradição com as mil e uma mulheres diversas das histórias antologadas.

Já Miano, ao incluir nas suas antologias homens e mulheres, cuja “africanidade” é sobretudo diaspórica, incluindo expressamente a polémica designação identitária de “afropeus”, bem como ao dividir as histórias de “desejo” e “prazer” em dois volumes separados por sexos, realiza operações de construção de identidades mais complexas e, de algum modo, mais provocadoras. De facto, em primeiro lugar, apresenta a identidade africana como intrinsecamente nómada e híbrida, mas com uma focalização racial que também não é aproblemática. Ou seja, o elemento que permite agrupar estes escritores e escritoras é a cor da pele, a qual se torna signo de uma “afro”-identidade comum e fator de coesão na dispersão diaspórica, muito embora nesta comunidade só se admitam homens e mulheres de migrações recentes. A relevância da raça surge, nas antologias francófonas, nas palavras da prefaciadora, com uma relevância que não tem em *African Love Stories*, onde o tema nem sequer aparece. A resistência ao racismo através da afirmação de uma identidade marcada pela cor será, por conseguinte, justificada pela necessidade de criar coesão em identidades mais dispersas. Em segundo lugar, Miano organiza um volume de contos escritos por homens, atribuindo-lhes prerrogativa sobre “Desejo” sob o signo – que se diria tão “feminino” - da “Primeira Noite”. Já às mulheres, no segundo volume, é atribuído o domínio do “Prazer” sob o signo - tão “masculino” - do Vulcão. Nesta divisão que, apesar de tudo, solidifica a divisão binária dos sexos, as identidades sexuais aparecem construídas de uma forma mais complexa. Se, geralmente, “a

primeira noite”, associada à perda da virgindade, tem um lugar determinante, nos discursos tradicionais, para a construção da identidade feminina através da sexualidade, surgindo como um momento de vulnerabilidade, receio, mas também como ritual de passagem, de mudança de estatuto dentro do próprio coletivo “mulheres”, aqui surge com igual potencial de transformação para as identidades masculinas, como um momento iniciático e de ritual de passagem, evocando medos e fragilidades semelhantes. Porém, é ainda aos homens que pertence o “desejo”, a dimensão da sexualidade que pressupõe a expressão activa da vontade, ou seja, um estatuto e uma voz de sujeito. Quanto às mulheres, se lhes é reconhecido o direito ao prazer, parecem excluídas da capacidade de desejar. No entanto, o papel passivo que esta divisão parece sugerir é, de algum modo, ironicamente contrariado pela ambiguidade da imagem do vulcão, cuja cratera, podendo evocar uma vagina, é, no entanto, explosiva, ou seja possui o maior potencial orgásmico. Estes cruzamentos, aos quais não é alheia uma dimensão de provocação, apresentam uma maior capacidade desconstrutiva, por perturbarem tendências essencializantes como as que (ainda) se fazem sentir na primeira antologia.

Por último, é interessante notar que nem a antologia anglófona nem a francófona, a primeira de *short stories*, a segunda de *nouvelles*, questiona o género literário dos textos recolhidos, os quais se inserem, respetivamente, em tradições literárias metropolitanas, transmitidas através da acção colonial. De facto, seria de esperar que ambas localizassem o “contar de histórias” no âmbito da oratura, recorrentemente evocada como a especificidade das culturas africanas e o seu lugar distintivo. Que este facto não seja sequer mencionado poderá dever-se a um salutar ultrapassar de mais esta fixação estereotipada de África a um lugar cultural de segunda – o da oralidade, por oposição à escrita – reivindicando a escrita como ponto já assente na identidade firmada do continente.

Com todos os problemas inerentes à própria empresa antológica, cujos critérios, em qualquer contexto, surgem como produtos de escolhas questionáveis, *African Love Stories*, *Première Nuit* e *Volcaniques* constituem importantes momentos de visibilização da literatura de escritoras e escritores africanos. As vias escolhidas e os paradoxos e dilemas apresentados são interessantes pontos de questionamento sobre a forma como as operações realizadas sobre a literatura, como a constituição de antologias, funcionam num combate vai para além dela, como o combate da inscrição política e da desconstrução e reconstrução de identidades culturais, raciais e de género. As contradições que constatámos, as virtudes, os riscos e os limites apontam para a dificuldade de operar em terrenos movediços, onde se intersectam vetores identitários, e

intencionalidades em si paradoxais, como são os terrenos da fronteira da colonialidade e das relações de gênero.

## Referências

- AIDOO, AMA ATA (org.). *African Love Stories: an anthology*. Banbury: Ayebia Clarke, 2006.
- LUGONES, MARIA. Toward a Decolonial Feminism. *Hypatia*. 25. No. 4, 2010. 742-759.
- MAMA, AMINA. *Beyond the masks. Race, gender and subjectivity*. London and New York: Routledge, 1995.
- MARTINS, CATARINA. "La Noire de..." tem nome e tem voz. *A narrativa de mulheres africanas anglófonas e francófonas para lá da Mãe África, dos nacionalismos anti-coloniais e de outras ocupações*. E-Cadernos CES Outras Áfricas - heterogeneidades, (des)continuidades, expressões locais, 12/2011, 119-144.
- MARTINS, CATARINA. *Nós e as Mulheres dos Outros. Feminismos entre o Norte e a África*. In: António Sousa Ribeiro e Margarida Calafate Ribeiro (org.). *Geometrias da Memória: configurações pós-coloniais*. Porto: Afrontamento, 2016, 251-277.
- MIANO, LÉONORA (org.), *Première Nuit: Une anthologie du Désir*. Montréal: Mémoire D'Encrier, 2014.
- MIANO, LÉONORA (org.), *Volcaniques: Une anthologie du Plaisir*. Montréal: Mémoire D'Encrier, 2015.
- MOHANTY, CHANDRA. *Under western eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses*. In: *Feminist Review*, 30, Autumn 1988, 61-88.
- SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, outubro 2007. 3-46.
- SPIVAK, GAYATRI. *Can the Subaltern Speak?*. In: C. Nelson and L. Grossberg (eds.). *Marxism and the Interpretation of Culture*. Basingstoke: Macmillan Education, 1988, 271-313.

### **Are African women capable... of loving? African women at the intersection of (post)colonial, sexual, and feminist identities**

**Abstract:** *African Love Stories*. An anthology gathers short stories on love written by women from different African countries. The editor, Ama Ata Aidoo, Ghanaian writer and feminist, underlines that the anthology wishes to counter the colonial idea that "African love" is "an anomaly", as well as "the myth about African women as impoverished helpless victims." Léonora Miano, also a writer

and a feminist, but from french-speaking Cameroon, publishes two anthologies of love “nouvelles”: *Première nuit. Une Anthologie du Désir*, written by young black men, and *Volcaniques. Une Anthologie du Plaisir*, written by young black women, both from Africa and the Antilles. These three anthologies fit into one of the most persistent demands of African feminisms: the decolonising of Africa, of African women and of feminisms. The strategy chosen here is curious: the construction of an Africanness and of black and African femininities and masculinities, through the claim over “love” (or sexuality) as an act of empowerment by African men and women that were objectified by the colonial discourse and assert themselves as full subjects because they are capable of “loving” and of narrating their “African black love”. In my paper I wish to analyse the complex discursive articulations that these anthologies show between colonial impositions and anticolonial resistances, in terms of cultural and sexual identities, feminist concepts and agendas, and the place of literary genres in these processes.

**Keywords:** Africa. Women’s literature. African feminisms.